



Arquivo pessoal

Bárbara Lima exhibe o cartão de vacinação. Na foto menor, Edmilson no aniversário de 74 anos com as cinco filhas

No período pandêmico, toda a família morava no mesmo condomínio, convivia muito e tomava as medidas recomendadas para se proteger. Em dezembro de 2020, o marido de Fernanda pegou o vírus. Com isso, todos acabaram infectados.

Edmilson entrava no grupo de risco em duas frentes — tinha 74 anos e possuía problemas cardíacos —, mas, com a esposa doente, insistiu em cuidar dela. “Ele era uma pessoa teimosa, quis cuidar da minha mãe a todo custo”, menciona Bárbara Lima, assistente administrativa e filha de Edmilson.

O exame realizado para confirmar a doença de Edmilson, no começo, apresentou resultados negativos. O aposentado escondia os sintomas e não acreditava ser algo sério. “Ele fez um exame na segunda, que deu negativo. Apenas na sexta, admitiu que não estava bem, como tinha se conformado com o resultado do teste, foi difícil convencê-lo em buscar outras respostas”, explica.

No dia em que, finalmente, aceitou ir ao hospital, Edmilson estava com 80% do pulmão

QUANDO VACINAR?

Quanto antes, melhor. O sistema imunológico é um grande leitor e coletor de informações; se houver o reconhecimento de algo diferente do costume, em porções inofensivas, ele vai saber identificá-lo em quantidades perigosas. Ou seja, quanto antes o corpo reconhecer a ameaça, mais efetiva será a proteção. Por isso que, ao nascer, as crianças tomam vacinas contra uma série de doenças — a memória é recente, o corpo precisa aprender a se proteger, e a vacina é uma parte dessa memória.

comprometido. Foi internado e, no dia seguinte, precisou ser transferido para a UTI. Foram duas semanas de angústia para a família Lima, sem saber se o patriarca retornaria para casa, mas as complicações foram maiores, e após uma parada cardíaca, deixou as pessoas amadas. “A gente não tem como saber se o fato de ele estar vacinado evitaria a situação, mas tenho certeza de que as chances seriam bem maiores”, considera.

“O sentimento de frustração e revolta veio à tona quando recebemos a informação da disponibilização das vacinas”, recorda-se. O acontecimento, por outro lado, reforçou, para Bárbara e para a família, o papel imprescindível das vacinas. Ela, hoje, tem uma filha de 1 ano e 4 meses. Lynda não teve a oportunidade de conhecer o avô, mas graças a ele vai crescer aprendendo sobre a importância dos imunizantes.

Bárbara, como a maioria das mães da pesquisa conduzida pelo Instituto de Pesquisa Locomotiva e pela Pfizer Brasil, já teve dificuldades em vacinar a filha pela falta de logística em casa, mas mantém a caderneta da primogênita completa.